



Re-vista de Humanidades

Nº 2 | DEZEMBRO 2021

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022



AGRADECIMENTOS

Chegamos ao segundo número da Re-vista de Humanidades.

Anuncia-se o ano novo! Aproveitemos esta pausa na percepção da dinâmica do tempo para elegermos e colocarmos em prática as ideias que promovam o bem comum e resgate nossa própria humanidade.

Esta revista é concebida com o intuito de colocar esse desejo em movimento e, como propõe o seu nome, convocar nosso olhar em direção a humanidade para que possamos ver e decidir — mudando ou insistindo — a posição que ocupamos e ocuparemos nela.

É um lugar para o respeito, não aquele conservador, ao contrário: para o respeito à diversidade, aquele que se forja no reconhecimento da insondável dimensão do outro e barra todo tipo de fascismo. É uma miscelânia de arte, literatura e ciência, que se atualizará trimestralmente para além dos muros das universidades. Oxalá!!!

Publique seu texto conosco.



AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS

Agradeço especialmente:

aos autores deste segundo número pela aposta no projeto;
a João Peçanha pelas muitas aulas sobre muitas coisas: Língua Portuguesa, edição de texto, tecnologia etc;
a Luiza Gravina pela dedicação na construção do site, do Instagram etc;
a Adriana Florêncio e Fabiana Dacache por serem as primeiras a apostar na Escola de Humanidades de Niterói;
a Thiago Diniz pela generosidade em compartilhar seu conhecimento tecnológico;
a Eucílio Silva — Cici —, companheiro querido, pelo apoio de sempre;
a Gustavo Duarte pela logo da revista.



[Conheça o trabalho dele clicando aqui](#)

FICHA CATALOGRÁFICA

Re-vista de Humanidades
Escola de Humanidades de Niterói.
n.1, set./nov. 2021
Niterói - Editora Rehum, 2021
n.2, dez.2021./fev. 2022
Trimestral
e-ISSN -

1.Humanidades.I.Título

Antonio C. B. Campos
Editora Rehum



Estar confortável

Quando criança, sei lá por volta de que idade, entrei a cultivar um hábito peculiar. Não digo singular, único, pois percebi que não me cabia constrangimento por não estar sozinho neste particular. Não me agradavam sapatos novos, preferia-os velhos, laços, já afeitos às formas dos meus pés de moleque. Sendo o segundo filho, recebia-os de herança. Tive sorte, o mais velho era menino quieto, apaixonado por televisão e quadrinhos. Além de possuir pés magros, direitos. Então, os pisantes vinham quase no ponto, já amaciados, precisando apenas de alargamento e um desbotado elegante.



O par de sapatos - Vincent van Gogh

Naquele tempo, no século passado, os meninos certinhos engraxavam os sapatos e os tinham sempre brilhando. Meu velho até que me ensinou direitinho. O que o deixou confuso foi ver que eu manejava bem a graxa, a escova e a flanelas, mas nunca aplicava tal saber sobre meus próprios calçados. Como o velho é boa praça, não implicava muito.

Um dia, na escola, Tabajara, meu arqui-inimigo, percebeu que um de meus sapatos estava com a sola furada. Deu um jeito de roubá-lo e começou uma brincadeira que, na época, chamávamos de “barata avoa”. Jogou o sapato para outro menino gritando, “barata avoa!” O menino, no caso Dico, jogou para outro repetindo o grito. Assim, meu sapatinho preferido voou por todo o pátio da escola. A brincadeira foi esfriando e parando ao passo que eles perceberam que eu me divertia tanto ou mais que todos. Quando enfim recuperei o meu velhinho, calcei-o saudoso e confortável. Usei-o por muito tempo e usaria mais se minha mãe não tivesse sumido com eles.



Camiseta Hering branca e velha para dormir, manhãs de sábado, uma xícara de café fresco com pão francês cheio de manteiga, cama limpa, feijão carregado, abraço de amigo..., para mim, traduzem conforto. Custei a entender o que meus pais queriam dizer com “você precisa trabalhar muito pra ganhar dinheiro e ter conforto”. No início, ao ouvir tais palavras, ficava muito confuso. Não havia nada mais confortável para mim do que estar sob o sol, usando somente um short velho, meus sapatos bem rotos, ou, melhor ainda, descalço.

Precisei envelhecer e ver muitas vezes crianças brincando satisfeitas com as caixas vazias ao invés dos brinquedos para perceber o quanto estava certo lá na infância.



Luiz Cláudio B. de Magalhães¹
Mestre em Literatura Brasileira,
Poeta e Professor.



¹ Vulgo: Kbça. Mestre em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pela UFF. Especializado em Língua Portuguesa pela UFF. Bacharel em Letras e Licenciatura Plena pela UFRJ. Apaixonado pela Literatura, pela Música e pela culinária. Aquariano numa busca pela paz universal através da arte.